nitas, edomitas, sidonias e hititas". Também moças de Israel se casavam com estrangeiros (cf. 2 Sm 11,3).

Aos reis se aconselhavam casamentos mistos por motivos políticos, mas o costume logo se estendeu entre o povo, desde a instalação em Canaã (Jz 3,6). Além de ser um atentado contra o sangue, tal costume punha em perigo a vida religiosa (1Rs 11,4), por isso se tornaram proibidos por lei (Ex 34,15-16; Dt 7,3-4).

Às cativas de guerra abria-se uma exceção. Em Dt 21,10-14 lê-se que após uma cerimônia de abandono da terra de origem, elas podiam ser desposadas. Contudo o casamento misto perdurou mesmo depois do exílio (Ml 2,11-12).

Foram severas as medidas de Esdras e Neemias para guardar a pureza dos casamentos (Ed 9,10; Ne 10,31; 13, 23-27). Também pela lei de Lv 18,6 no interior das famílias o casamento de parentes próximos foi proibido, pois não se deve unir à "própria carne". São muitas as proibições neste sentido reguladas por Lv 18-21. Para os sacerdotes havia restrições especiais de acordo com Lv 21, e mais severas para o sumo-sacerdote.

*Maria Laura Gorgulho*
Rua Herculano Cobra, 170 – Centro
27550-000 Pouso Alegre – MG



# ESTAR DENTRO OU FORA DA FAMÍLIA DE JESUS: UMA OPÇÃO RADICAL[1]

Carlos Frederico Schlaepfer

## 1. Introdução

No capítulo três do Evangelho de Marcos, os diversos aspectos presentes podem ser divididos em duas situações colocadas de forma antagônica: Uma, destaca elementos constitutivos de unidade: constituição dos doze (Mc 3,13-19) e da verdadeira família de Jesus (Mc 3,31-35), de acordo com sua vontade (Mc 3,14), permanecendo unida em torno de suas palavras (Mc 3,32) e obras (Mc 3,7-12.20), revelando uma comunidade portadora da missão de pregar e expulsar os demônios, missão característica do próprio Jesus (Mc 3,14-15). Outra destaca aspectos marcados pelas divisões e conflitos: em Mc 3,6, os fariseus e herodianos planejam a morte de Jesus, após a cura em dia de sábado (Mc 3,1-5); Em Mc 3,20-30, os parentes de Jesus e os escribas que descem de Jerusalém não querem aceitar a novidade trazida pela mensagem e ação de Jesus. Estas duas situações colocadas de forma antagônica apontam para uma tensão entre unidade e divisão presente no capítulo três do Evangelho de Marcos: a força de uma dimensão comunitária, ligada ao movimento de Jesus, frente a um movimento contrário, marcado pelas forças políticas (herodianos) e pelo poder da tradição (fariseus e escribas) e cultura (parentes) judaicas.

Da tensão entre unidade e divisão, percebe-se que a casa possui um lugar de destaque. Esta presença acentuada da casa é bastante significativa[2], pois em diversos momentos ela é o lugar do encontro entre Jesus e os discípulos, lugar onde acontecem o ensinamento e a aprendizagem, em outras palavras, a casa/comunidade dos discípulos de Jesus, destacando a sua dimensão eclesial e comunitária. Neste sentido, estar dentro ou fora da casa passa a ser um diferencial marcante na perspectiva do seguimento de Jesus, pertença e participação do seu projeto. Todos os interlocutores que estão presentes dentro da narrativa do capítulo três podem ser vistos a partir da casa: os Doze constituídos por Jesus, ou a sua verdadeira família que faz a vontade de Deus, estão dentro da casa, isto é, do movimento e projeto de Jesus; os parentes que querem agarrá-lo, ou os familiares que mandam chamá-lo, estão fora da casa, isto é, não querem aceitar os ensinamentos e ações de Jesus. Desta tensão presente na casa entre unidade e divisão, aparece a grande discussão com as autoridades judaicas, representadas pe-

1. O presente artigo é uma síntese da tese de doutorado em teologia bíblica, defendida pelo autor em 2002 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com o título: *"A dinâmica da casa em Mc 3,20-35. Estar dentro ou fora como sinal da tensão entre unidade e divisão"*.

2. Cf. SCLAEPFER, Carlos Frederico. A Ética do seguimento em torno da casa de Jesus. *Estudos Bíblicos*. n. 79, 2003: 39-48. O autor apresenta um breve estudo sobre o sentido da casa/família no Evangelho de Marcos. Aqui estaremos utilizando os vocábulos casa e família indistintamente.

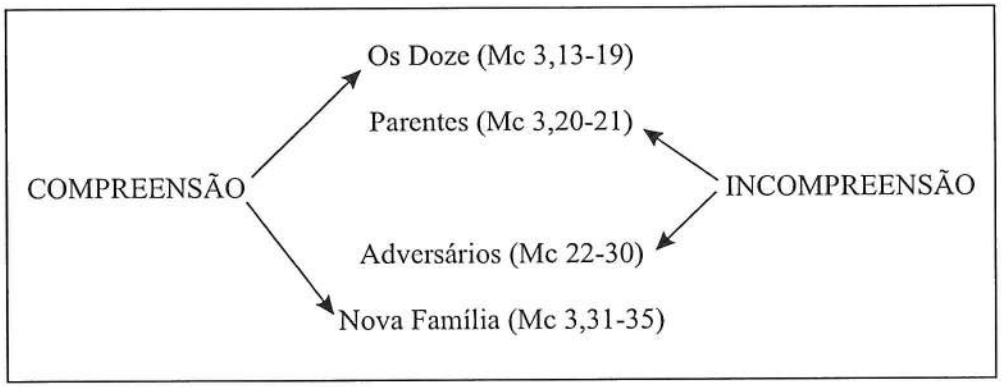
los escribas que descem de Jerusalém, sob a ação e poder de Satanás, responsáveis pela divisão e ruína da casa.

A intenção deste estudo é contribuir na compreensão de relações intergrupais através de uma experiência concreta na narrativa de Mc 3,20-35. A dinâmica que o texto apresenta, dentro do contexto redacional em que se encontra, coloca em destaque a figura da casa onde Jesus e seus interlocutores estão dentro ou fora da mesma, revelando a tensão entre a unidade e a divisão, inerentes a todos os grupos humanos. A leitura exegética e teológica do texto aponta para uma dimensão grupal não apenas limitada à comunidade cristã à qual se refere, mas a todo grupo ou comunidade reunida em torno de um projeto ou objetivo comum.

## 2. A arquitetura do texto de Marcos 3,20-35

Independente das divisões e estruturas do Evangelho de Marcos que são apresentadas pela maioria dos autores, o capítulo 3 encontra-se dentro da unidade de Mc 3,7–6,6a onde o tema central é o mistério do Reino, com um grande acento sobre o conflito entre aqueles que têm fé e os que se afastam de Jesus. Já uma divisão da subunidade de Mc 3,13-35 em perícopes, revela diferentes reações frente à missão de Jesus: seguidores (Mc 3,13-19), incompreensão dos parentes de Jesus (Mc 3,20-21), acusações de possessão demoníaca (Mc 3,22-30) e finalmente a definição da verdadeira família de Jesus (Mc 3,31-35). A subunidade começa e termina com um grupo de seguidores em torno de Jesus: da *multidão* Jesus chama quem ele quis e ao final, estão *ao seu redor* aqueles que fazem a vontade de Deus. Entre um grupo e outro, que atendem ao chamado e missão de Jesus, colocam-se os *adversários* que não entendem nem aceitam a pregação e ação de Jesus.

Graficamente pode-se representar da seguinte maneira:




Há uma grande discussão sobre a possibilidade de uma estrutura concêntrica em Mc 3,20-35. A seguir, apresento apenas alguns indicativos que assinalam positivamente nesta direção.



a) Os pontos extremos encontram-se nas relações de parentesco: em Mc 3,20-21 e Mc 3,31-35 aparecem a casa e a família de Jesus. Em ambos os casos acontece uma ruptura. No primeiro, porque julgam Jesus fora de si. No segundo, porque os familiares não entram na casa, estão do lado de fora e por isso mandam chamá-lo. Embora a divisão seja o ponto marcante entre Jesus e sua família/ casa, a segunda perícope apresenta uma unidade através da nova família/casa de Jesus formada pelos que fazem a vontade de Deus. O paralelismo entre os pontos extremos desta estrutura concêntrica, pode ser visualizado da seguinte maneira:

A – Mc 3, 20-21 – Ruptura com os parentes (família) que estão fora da casa.
(Os parentes julgam Jesus fora de si, querem agarrá-lo)

A'– Mc 3,31-35 – Ruptura com os parentes (família) que estão fora da casa.
(Os parentes não julgam Jesus, mandam chamá-lo)

b) Em seguimento à divisão da família/casa de Jesus, uma nova ruptura se estabelece através dos escribas que descem de Jerusalém: pelas acusações em Mc 3,22 e pela blasfêmia contra o Espírito Santo em Mc 3,28-30. A ruptura e divisão crescem na medida em que não se trata mais de romper com a tradição familiar, mas com a instituição religiosa judaica, representada pelos escribas. O círculo em torno de Jesus se fecha e o esclarecimento sobre a divisão aparece por meio das palavras de Jesus. A visualização do paralelismo destes versículos coloca-se da seguinte forma:

B – Mc 3,22 – Ruptura com os escribas – acusações contra Jesus

B'– Mc 3,28-30 – Ruptura com os escribas – blasfêmias contra o Espírito Santo

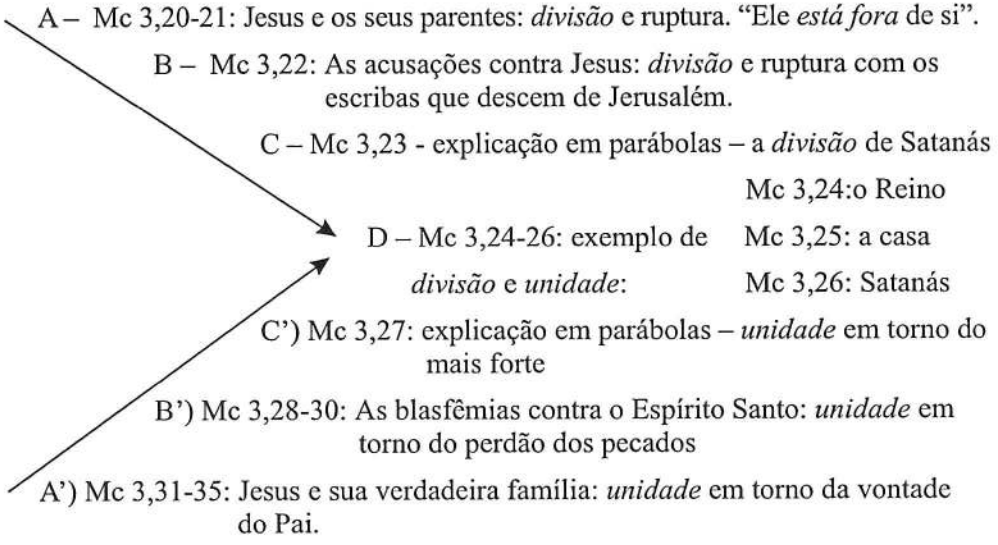
c) Os versículos de Mc 3,23.27 apresentam a explicação de Jesus por meio de parábolas. Por um lado, Mc 3,23 torna-se explícito: "dizia-lhes em parábolas". Por outro, Mc 3,27 apresenta uma parábola através do homem forte. Embora estas parábolas estejam dirigidas aos escribas, o centro de ambos os versículos se volta para a ação de Satanás que é o centro da divisão. A unidade somente será alcançada na medida em que se domina a sua ação. A força de Satanás neutralizada por alguém que é mais forte que ele: Jesus. Dando continuidade à representação gráfica, tem-se:

C – Mc 3,23 – Explicação em parábolas – divisão de Satanás

C' – Mc 3,27 – Explicação em parábolas – a unidade em torno do mais forte

d) Por fim, os versículos de Mc 3,24-26 destacam a tensão existente entre divisão e unidade no Reino (Mc 3,24), na casa (Mc 3,25) e em relação ao próprio Satanás (Mc 3,26). Na parte central destes versículos, encontra-se o exemplo da unidade e divisão da casa (Mc 3,25), ressaltando a análise feita em relação ao papel da casa nos versículos colocados nos pontos extremos desta divisão concêntrica.

Graficamente, as três perícopes podem apresentar-se, portanto, da seguinte forma:




A divisão é o caminho apresentado pelos parentes, escribas e Satanás. Por outro lado, a unidade se apresenta através do mais forte, Jesus, do Espírito Santo e da vontade de Deus.

### 3. Analisando os textos

Nas duas perícopes, a inicial (Mc 3,20-21) e a final (Mc 3,31-35), destacam-se os interlocutores de Jesus: discípulos, multidão e parentes e a dinamicidade em torno da casa. Em ambos os textos Jesus encontra-se dentro da casa com seus discípulos e seus parentes do lado de fora. Entretanto, há uma mudança fundamental em relação à multidão e aos parentes. No primeiro caso a multidão vai ao encontro de Jesus mas de forma impetuosa, sem orientação. No segundo caso está ao seu redor, dentro da casa, ouvindo as suas palavras. Os parentes no primeiro momento querem agarrar Jesus, já no segundo momento mandam chamá-lo. A multidão que está fora da casa em Mc 3,20-21, passa para dentro da casa em Mc 3,31-35. Os parentes, por outro lado, permanecem de fora, mas já com outra conduta. Se a casa em Mc 3,20-21 é o lugar do encontro entre Jesus e o Novo Israel, ou seja, os Doze que foram chamados em Mc 3,13-19, em Mc 3,31-35 é a casa da verdadeira família de Jesus, daqueles que fazem a vontade de Deus.

A perícope de Mc 3,22-30 é caracterizada pela ação exorcista de Jesus (Mc 3,22) e sua explicação escatológica (Mc 3,27). A ligação entre escatologia e milagre é singular em Jesus e não é menor que entre escatologia e sabedoria. Jesus entende os seus milagres como acontecimento de algo novo, antecipação de um mundo novo. O mundo novo não é chegado e todavia a sua espera é compreensível. O carisma protocristão do



milagre introduz efetivamente uma profunda reestruturação do mundo antigo. Dentro de uma compreensão simbólica, a dominação de Satanás termina a partir da presença de Jesus, quando os homens se submetem à dominação de Deus, crendo nele e não em Satanás.

As respostas de Jesus são apresentadas em ordem inversa às acusações, isto é, primeiramente Jesus responde à questão do poder em relação ao Chefe dos demônios e em segundo lugar à questão de possessão em relação a Belzebu. Assim, fica explícito que as ações de Jesus são realizadas mediante o poder de Deus e do Espírito Santo.

Apresentadas em forma de parábola, as respostas de Jesus acentuam os seus adversários por um lado e por outro, colocam o desafio para o seu entendimento e conseqüente seguimento de Jesus. A acusação a Jesus de possessão diabólica aparece não só nos sinóticos mas também na tradição joanina, sendo aqui como magia: Jo 7,20; 8,48.52. Este fato torna-se bastante comum em toda a antigüidade onde os fundadores de uma nova religião ou seita são acusados de magia[3]. A acusação de Jesus estar possuído por Belzebu, pertence a uma estratégia mais ampla, que teria como objetivo desacreditar Jesus, declarando-o estranho na sociedade em que vive e conferir-lhe uma nova identidade. Ao expulsar aos demônios, Jesus ameaça a ordem social que utilizava a possessão demoníaca como válvula de escape.

Em Mc 3,24-26, são apresentados como sujeitos centrais, o Reino, a casa, e Satanás. A divisão de cada um indica o seu enfraquecimento e por conseguinte, revela a sua temporalidade frente ao poder eterno de Deus. Desta maneira, Jesus ao mostrar a divisão interna de cada um, apresenta-se como verdadeiro caminho da unidade, firmeza, coesão. O Reino, a casa e Satanás são modelos da provisoriedade diante de Jesus e sua proposta.

O homem forte (Mc 3,27) destaca a presença de Satanás acentuando a sua derrota, pois os seus bens são saqueados da casa. Num sentido metafórico, a casa, os bens e o saque apresentam a vitória de Jesus sobre Satanás, ao libertar aqueles que estão sob seu domínio.

À acusação de possessão por Belzebu, Jesus responde de modo enfático, colocando a blasfêmia e perdão em destaque. Acentua a blasfêmia contra o Espírito Santo como o grande pecado sem perdão.

Diante dos conflitos enfrentados por Jesus, a casa torna-se um lugar importante: As ações daqueles que se colocam frente a Jesus vão sendo minimizadas na medida em que a casa vai se tornando mais presente: Agarrar, desmoralizar e falar, enquanto que ao mesmo tempo é o lugar daqueles que estão dentro, fazendo a vontade do Pai.

3. Cf. OPORTO, S.G. La Dimensión Política de los Exorcismos de Jesús. La controversia de Belcebu desde la perspectiva de las ciencias sociales. *Estudios Bíblicos*. n. 58, 2000: 76-77.

## 4. A casa como lugar de ruptura: estar dentro ou fora

O texto de Mc 3,20-35 encontra-se em meio ao tema do acolhimento e rejeição de Jesus, conforme foi observado anteriormente. Esta relação de proximidade e afastamento entre Jesus e os seus interlocutores, foi acentuada desde a unidade de Mc 3,7–6,13, onde há uma forma dialética de se apresentar: os mais próximos (parentes ou conterrâneos) de Jesus, se afastam diante da missão. Os mais distantes socialmente falando, se aproximam diante da missão. Do confronto entre adesão e rejeição, vai sendo formado o grupo dos discípulos e discípulas de Jesus, tendo como referência a sua missão frente à Boa Nova do Reino de Deus.

Tanto o movimento de acolhimento ou aproximação e rejeição ou afastamento, como o de estar dentro ou fora, pode ser notado mais explicitamente dentro do círculo dos discípulos e da multidão. Não há uma oposição entre discípulos e multidão, como em relação aos adversários. A multidão é sempre favorável a Jesus, entretanto, há uma distinção entre a multidão e ao que Marcos chama *"os de fora"* e que fazem parte da multidão. São os que *estão fora* da fé, recusam-se a reconhecer em Jesus a presença operante do Reino de Deus. Também os discípulos são comparados por Jesus com *estes de fora*, na medida em que não conseguem captar o sentido de seus gestos e podem eles mesmos tornar-se os que têm o coração endurecido, têm olhos e não vêm, ouvidos e não ouvem (Mc 8,17-18). A linha de demarcação entre aos que é dado a conhecer o mistério do Reino de Deus e aos *de fora*, passa no coração de todo homem e no interior de cada comunidade.

No texto de Mc 3,20-35, encontram-se duas narrativas onde este movimento torna-se bastante explícito. A primeira trata-se de Mc 3,20-21, onde a casa é o lugar central, uma vez que toda a cena desenvolve-se em torna da mesma. Aí temos os parentes do *lado de fora* e Jesus com os discípulos do *lado de dentro.* A multidão encontra-se fora, mas procura entrar na casa. Neste relato, há claramente uma situação de *ruptura* entre os parentes e Jesus.

Na segunda narrativa, Mc 3,31-35, o contexto é diferente de Mc 3,20-21, porém dentro da descrição encontram-se não apenas os mesmos sujeitos: parentes, multidão, discípulos e Jesus, mas também a casa, ao menos implicitamente. Sua mãe e seus irmãos não fazem parte do grupo que está sentado ao redor de Jesus, dentro da casa, por isso mandam chamá-lo. A situação de *ruptura* é manifestada no desejo de falar com Jesus, sem entrar na casa. Em relação à multidão e aos discípulos, Jesus olhando ao seu redor não faz uma distinção explícita entre os mesmos, pois esta diferença se dá na medida em que se faz ou não a vontade de Deus.

Na perícope de Mc 3,22-30, dentro da discussão entre Jesus e os escribas que descem de Jerusalém, encontra-se este movimento em torno da casa, porém em sentido inverso. Trata-se de Mc 3,27, onde o forte deve ser amarrado para que se possa arrancar os seu pertences da casa. Estes pertences possuem uma referência explícita aos que estão sob a dominação de Satanás, sendo necessário arrancá-los da "casa", por isso saqueá-los, isto é, libertá-los de seu poder. O contexto é diferente das duas outras



perícopes acima analisadas, entretanto, possui o mesmo movimento de *entrar e sair da casa*, dentro de uma situação de *ruptura*.

O movimento de *estar fora e dentro da casa*, revela, portanto, uma *ruptura* que está voltada para o sentido de aproximação e rejeição de Jesus. No caso de Mc 3,27, a *ruptura* encontra-se presente em relação ao projeto religioso e ideológico defendido pelas autoridades judaicas. Na primeira narrativa, Mc 3,20-21, trata-se da *ruptura* com a tradição judaica, representada pelos parentes de Jesus. Já em Mc 3,31-35, a *ruptura* se volta para os laços familiares, no intuito de afirmar a verdadeira identidade da nova comunidade: Fazer a vontade de Deus (Mc 3,35).

## 5. A dialética da casa unida e dividida em Mc 3,25

A estrutura literária apresentada acima revelou uma centralidade em torno de Mc 3,25. O significado de cada elemento presente, isto é, Satanás, Reino e casa, dentro do contexto relativo às acusações dos escribas que descem de Jerusalém contra Jesus (Mc 3,22-30), apontou para o lugar de destaque ocupado pela casa, uma vez que a mesma representa o lugar de ação de um poder exercido por Satanás, que se reflete na forma religiosa e política, simbolicamente representado pelo Reino. O tema da casa, também aparece em Mc 3,27, em relação à figura do "forte", representativo do poder de Satanás. Aí novamente a casa é o lugar onde o seu poder é exercido sobre os bens e pertences, os quais serão saqueados pelo "mais forte". A casa neste contexto, foi apresentada dentro do sentido de um poder ideológico exercido pelo "forte" que mantém as pessoas sob controle, sendo necessária a intervenção de Jesus, como "o mais forte", para sua liberação.

A casa em Mc 3,25 apresentando-se em referência a Satanás, coloca a sua divisão como forma de apresentação: "A casa dividida não pode sustentar-se". A casa onde o poder de Satanás está agindo é uma casa condenada à divisão. O verso de Mc 3,27 vai confirmar esta afirmação na medida em que anuncia o saque desta casa por meio da ação do "mais forte", isto é, Jesus.

Tanto do ponto de vista estrutural quanto do sentido na perícope na qual se encontra, em Mc 3,25, a casa possui um papel fundamental, como lugar do poder e domínio de Satanás. Porém, não é somente dentro deste quadro no qual está inserido Satanás que a casa ocupa um lugar de destaque. Com certeza, ela pode apontar para um lugar bem mais amplo e de maior importância, na medida em que é compreendida tanto como família, quanto como comunidade eclesial. Este é o ponto em que se dá a verdadeira dinâmica da casa!

Entretanto, é preciso apontar para uma outra realidade que, embora não explícita, coloca o sinal positivo para a sustentação da casa. Trata-se da casa não mais como lugar de um poder dominação, como a casa de Satanás, mas a casa enquanto família, porém dentro de uma característica própria e toda particular, na medida em se torna uma família de fé, encontro de todos os que fazem a vontade de Deus (Mc 3,35).

Assim, portanto, pode-se perceber que a casa em Mc 3,25 apresenta uma face negativa através de sua divisão, porém possui implicitamente uma face positiva através de

sua unidade em torno da vontade de Deus. São duas realidades distintas que se colocam de forma *dialética*, ou seja, a *casa da divisão*, por um lado, e a *casa da unidade*, por outro. A *síntese* entre as duas casas encontra-se em torno da *práxis* e da *vontade de Deus*.

Mc 3,25, portanto, apresenta-se como ponto de apoio para a dinâmica em torno da casa em Mc 3,20-35. Para que se possa perceber bem claramente esta dinâmica, será colocada a seguir cada uma das representações simbólicas da casa, no capítulo três do Evangelho de Marcos, onde atuam os seus sentidos de divisão ou unidade.

### *5.1. A divisão da casa*

Se por um lado, a casa em Mc 3,25 apresenta-se como um importante exemplo para desenvolver o tema sobre o poder de Jesus frente ao poder de Satanás, por outro mostra que este mesmo poder de Satanás está em declínio, servindo de exemplo para toda e qualquer realidade que se encontra ao seu lado e, conseqüentemente, é contrária a Jesus. Estes dois poderes são diametralmente contrários, em posições opostas, portanto, constantemente em luta. Satanás e sua casa contam com diversos elementos que atuam a seu favor, procurando implantar o seu poder e reino de divisão, discórdia, opressão.

Em meio a este combate, os diversos grupos e interlocutores que estão dentro da narrativa apresentada por Marcos, vão se posicionando frente ao poder de Satanás ou ao poder de Jesus. Neste sentido, aqui é importante o que já foi colocado anteriormente sobre os discípulos, multidão e adversários de Jesus. Em especial, no capítulo três do Evangelho de Marcos encontram-se dois grupos que buscam, ainda que de forma e com interesses diferentes, impedir o avanço do poder de Jesus. Trata-se em primeiro lugar dos parentes de Jesus apresentados em Mc 3,20-21 e dos escribas que descem de Jerusalém em Mc 3,22. Ambos estão atuando dentro da casa de Satanás, isto é, a casa que está voltada para a divisão e seu próprio fim.

#### 5.1.1. A resposta para os parentes de Jesus – Mc 3,20-21

Os parentes de Jesus, representando estas instituições e tradições judaicas, de certa forma, são colocados por Marcos como participantes da casa de Satanás, porque, enquanto procuram impedir a sua ação, estão impedindo a chegada da Boa Nova. Atitude semelhante também vai assumir Pedro ao chamar atenção do Mestre, quando este revela sua natureza messiânica em desacordo com a tradição judaica (Mc 8,31-33). Por mais forte e agressiva que possa parecer a atitude dos parentes de Jesus, fica clara e evidente a sua intenção e ao mesmo tempo, a sua posição frente à prática de Jesus.

Neste contexto, apresentando-se de forma metafórica, a casa torna-se uma resposta a esta atitude de impedimento à ação do Reino por parte da pregação e ação de Jesus. O anúncio da divisão da casa é uma alerta e também resposta negativa, de modo categórico por parte de Jesus à ação dos parentes. A casa onde Jesus se encontra com a multidão e seus discípulos (Mc 3,20) também passa a ficar dividida por causa da atitude de seus parentes. É interessante notar que em Mc 3,25 se trata de uma casa no sentido de família, ou seja, a divisão da casa está voltada para a divisão que os parentes de Jesus estão realizando, na medida em que não querem aceitar as ações de Jesus.



#### 5.1.2. A resposta para os Escribas de Jerusalém – Mc 3,22

As acusações feitas contra Jesus pelos escribas que descem de Jerusalém possuem, de fato, uma relação direta com a casa em Mc 3,25. Também aqui se pode considerar a casa de forma metafórica, ou seja, sua divisão expressa bem a situação de seus adversários. A divisão da casa aponta para a divisão no seio do que representam, ou seja, a religião e o poder político do judaísmo.

Satanás, sendo apresentado como o príncipe dos demônios, estaria colocando em destaque o reino dividido, enquanto que Satanás como Belzebu estaria voltado para a casa dividida[4]. No Evangelho de Mateus, Belzebu é identificado como o "Baal da casa"[5]. Neste sentido, também a casa em Mc 3,27 se coloca em destaque e forma um paralelo com Mc 3,25 evidenciando a divisão da casa e seu fim, com a chegada do "mais forte".

A casa em Mc 3,25, pode ser considerada como o centro da resposta para a as acusações levantadas contra Jesus. A divisão da casa e sua sustentação são o maior exemplo de que Jesus não poderia estar atuando segundo o poder de Satanás, nem tampouco estar a seu serviço, uma vez que desta forma estaria contribuindo para sua própria ruína.

A casa dividida em Mc 3,25 é uma resposta para os dois casos apresentados acima: atitude dos parentes de Jesus e as acusações dos escribas que descem de Jerusalém. Dentro da cultura e tradição judaicas, a estrutura familiar, religiosa e política sentem-se ameaçadas diante da ação e pregação de Jesus. A estratégia de ambos é deter Jesus: Os parentes, ameaçados pelo novo grupo recém criado por Jesus (Mc 3,13-19), procuram detê-lo, tirando-o da casa e do convívio dos discípulos e da multidão – "querem agarrá-lo". A casa dividida certamente responde a esta atitude extrema! Por outro lado, os escribas representantes do poder político e religioso judaico, vindos de Jerusalém, também procuram deter Jesus, porém a estratégia é diferente daquela dos parentes. Utilizam a forma de acusação, mesmo que infundada. Também aqui a casa dividida responde à situação em que se encontram. Não pode manter-se, sustentar-se.

### *5.2. A unidade da casa*

Se por um lado, a divisão da casa apresenta-se como uma resposta na forma metafórica frente a esta situação de ataque à Jesus, não estaria ao mesmo tempo assinalando para uma outra realidade, oposta aos parentes e escribas de Jerusalém? Dentro desta possibilidade, a casa não teria mais o significado de divisão, mas sim de unidade. Não se trata mais de resposta, mas sim de exemplo. Neste caso, seria necessário determinar os sinais de unidade que estão presentes no contexto da casa.

4. Cf. GUNDRY, R.H. *Mark. A Commentary on His Apology for the Cross*. Michigan: Willian B.E.Publishing, 1992, p. 173.

5. Cf. Mt 10,25. Também esta denominação para Belzebu é atestada por GNILKA, J. *El evangelio segun San Marcos*. vol. I. Salamanca: Sigueme, 1992, p. 174.; TAYLOR, V. *The Gospel according to St. Mark*. London: Macmillan, 1952,*p.* 239; MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 209.

Conforme exposto anteriormente, Mc 3,20-35 coloca em evidência a questão entre os familiares de Jesus. De um lado está a incompreensão e hostilidade dos parentes (Mc 3,20-21) e de outro a verdadeira família de Jesus que faz a vontade de Deus (Mc 3,31-35). No centro do paralelismo encontra-se a perícope de Mc 3,22-30, com a casa dividida como elemento central à mesma. Do ponto de vista estrutural, Mc 3,25 coloca-se como divisor entre duas atitudes antagônicas da família de Jesus frente à sua prática e ensinamentos. No primeiro caso (Mc 3,20-21), diante da incompreensão e hostilidade, a casa em Mc 3,25 coloca-se como resposta e alerta para a divisão da mesma. No segundo caso, junto à verdadeira família (Mc 3,31-35), de forma contrária, a casa aponta para uma importante unidade e, portanto, um verdadeiro exemplo.

O dinamismo da casa não se apresenta apenas como um elo ou passagem entre duas realidades distintas no âmbito familiar. Ela também está voltada para outras duas realidades opostas. Os escribas de Jerusalém (Mc 3,22-30) representantes do poder oficial, com suas acusações contra Jesus e a constituição dos doze (Mc 3,13-19), representantes de um poder que é dado pelo próprio Jesus: pregar o Evangelho e expulsar os demônios. Também aqui, a casa em Mc 3,25 é uma resposta e ameaça frente às acusações e um exemplo de unidade para os grupo dos doze.

Da mesma forma como a casa foi apresentada como metáfora de divisão frente aos parentes e escribas de Jerusalém, será apresentada, a seguir, como metáfora de unidade frente à verdadeira família e ao grupo dos Doze.

### 5.2.1. O exemplo da casa dos Doze – Mc 3,13-19

O texto narrativo da constituição dos Doze (Mc 3,13-19), deve ser visto antes de tudo dentro do contexto em que se encontra. Jesus é considerado extremamente perigoso por um sistema que procura preservar-se, através do poder religioso representado pelos fariseus que se associam aos herodianos (Mc 3,6). Diante deste quadro de tamanha radicalidade por parte do Israel oficial, Jesus formaliza a ruptura com a instituição judaica, consumando um cisma, na medida em que convoca Israel, ou seja, permanece ligado ao povo, mesmo estando fora da instituição oficial. Desta forma, Jesus faz um chamado aos israelitas que desejam o Reino de Deus, para que unidos a ele abandonem as instituições que não aceitam a exigência universalista da era messiânica nem permitem a emancipação do homem.

É interessante observar que os elementos dentro da narrativa possuem um valor simbólico muito forte em relação a Israel. Primeiramente, o lugar de referência é o monte (Mc 3,13a), símbolo da esfera divina, a do Espírito, em contato com a humana (em oposição ao monte Sião, lugar do Templo); a sua identidade não está na Lei de Moisés, mas no Espírito de Jesus. Em segundo lugar, não é convocado diretamente por Deus como no Antigo Testamento, mas por Jesus, o Homem-Deus, presença de Deus na terra. O ato de convocar supõe uma autoridade por parte de Jesus sobre aqueles a quem ele o faz. Um terceiro elemento está presente na frase "os que ele quis" (Mc 3,13b), pois descreve o amor de Jesus a Israel, representado pelos israelitas que responderam ao seu chamado. A pertença a este novo Israel não se dá apenas pela origem



étnica. A resposta à constituição dos Doze (se aproximaram dele) implica adesão a Jesus e, ao mesmo tempo, o afastamento da instituição judaica, com a qual Jesus rompera (Mc 3,1-7). Por um lado, a cena cumpre a profecia de Joel 3,5, onde se anunciava que Deus haveria de convocar o resto de Israel para enviá-lo como portador de boas notícias e, por outro, coloca Jesus exercendo a função divina.

Na constituição dos Doze está presente uma dupla finalidade: "estar com Jesus" (Mc 3,14b)[6], revelando uma adesão incondicional à sua pessoa e mensagem; "para enviá-los a pregar"(Mc 3,14c), tratando-se do objetivo principal da constituição do novo Israel e sua tarefa universal. Com Jesus há uma mudança na missão de Israel. Ao invés de ser centrípeta, isto é, como ponto de atração de todos os povos (Is 2,1-5), agora passa a ser uma missão de cunho centrífugo, colocando-se a serviço da humanidade, em contraste com o sentido de privilégio e o etnocentrismo do antigo Israel. Jesus não põe fronteira à missão dos Doze, deixando aberto o horizonte para os povos pagãos. Por outro lado, não assinalando uma função dentro da comunidade, coloca sua atividade fora dela, em concordância com o próprio significado do grupo que representa a todos os seguidores de Jesus que procedem do judaísmo.

A proclamação vem acompanhada de uma atividade libertadora, através da expulsão dos demônios, representantes de ideologias de ódio e violência que são incompatíveis com a mensagem de Jesus.

A constituição dos Doze, portanto, indica a criação do novo Israel e consuma a ruptura de Jesus com a instituição judaica. Isto significa que o antigo Israel deixou de ser povo escolhido e destinatário das promessas. O número doze (alusão às doze tribos), símbolo do Israel primitivo e do escatológico, inclui todos os seguidores de Jesus procedentes do judaísmo. Torna-se um sinal, uma referência ao povo de Israel. Trata-se da casa do novo Israel, um exemplo daquilo que a casa em Mc 3,25 de forma metafórica quer significar: a não divisão vista a partir do seu significado em relação aos parentes e escribas de Jerusalém.

Dito de outra forma, a casa que os Doze representam coloca-se como motivadora para a resposta de divisão da casa aos escribas de Jerusalém e aos parentes de Jesus. Enquanto para estes a casa em Mc 3,25 é vista como divisão, para os Doze é casa não dividida, mas sinal de unidade e, portanto, um verdadeiro exemplo.

### 5.2.2. O exemplo da família de Jesus – Mc 3,31-35

O sentido do episódio emerge bem sobre o fundo da forte solidariedade familiar existente, então, no mundo judaico. A intenção da narrativa é clara, apesar de sua concisão. Aqueles que estão sentados em volta de Jesus estão ocupados em ouvir seus ensinamentos. Jesus afirma que sua verdadeira parentela, seus verdadeiros irmãos, não são aqueles que lhes são ligados pelos laços de sangue, mas aqueles que aceitam os en-

6. Por duas vezes a expressão "estar com alguém" aparece no Evangelho de Marcos. Primeiramente em relação a Simão, quando alguns o seguem em busca de Jesus (Mc 1,36); a segunda vez aparece em relação a Davi (Mc 2,25). Na constituição dos Doze o seguimento deve ser incondicional. O novo Israel deve estar extremamente unido a Jesus.

sinamentos que ele lhes transmite da parte de Deus, o Pai de todos. A expressão "família de Jesus" pode ser entendida em vários níveis. Marcos, entretanto, rejeita explicitamente três: a família carnal (Mc 3,20-21.31-35), a religiosa (Mc 3,22-30) e a geográfica de seus conterrâneos (Mc 6,1-6). Frente a estas três, estabelece uma quarta: seus discípulos cumpridores da vontade de Deus. Há por assim dizer neste quarto nível, uma superação dos três primeiros em relação à compreensão salvífica da mensagem de Jesus[7].

Mas ainda é preciso ter presente que da comparação entre os Doze e esta nova família que faz a vontade de Deus, existe uma diferença significativa. O primeiro grupo representa o judaísmo, isto é, de acordo com o que foi exposto acima, são o novo Israel. Já o segundo grupo apresenta-se como seguidores de Jesus sem que procedam necessariamente do judaísmo, caracterizados como multidão sentada em torno dele. A existência deste grupo impede a ação daqueles que querem o silêncio de Jesus. Marcos sublinha o contraste entre a família que fica de fora e os que estão sentados em torno de Jesus. Assim como em Mc 3,14, o "estar com" volta a significar adesão incondicional e permanente. Os laços familiares e os vínculos de raça ou nação não são decisivos; qualquer pessoa que lhe dê sua adesão e compartilhe seus ideais fica unida a ele por vínculos de família, que estabelecem uma fraternidade universal. A única condição para pertencer à nova família é fazer a vontade de Deus, aderindo a Jesus.

O segundo elemento que se torna exemplo do sentido metafórico da casa em Mc 3,25 como não dividida é então a verdadeira família de Jesus. Da mesma forma que a constituição dos Doze, a casa do novo Israel, a família de Jesus passa a ser a casa dos que fazem a vontade de Deus, revelando uma unidade em torno de Jesus.

A dinâmica da casa em Mc 3,25, dentro dos seus dois sentidos metafóricos, de unidade e divisão, vai se desenvolvendo dentro dos acontecimentos que são narrados por Marcos. Diante dos conflitos que aparecem através das ações de Jesus, nos dois primeiros capítulos do Evangelho, chega-se a um ponto de ruptura: de um lado, as autoridades oficiais vão se posicionamento radicalmente em torno da idéia da eliminação de Jesus. De outro lado, Jesus constitui os Doze, marcando profundamente um novo caminho dentro das tradições judaicas. Este fato leva a uma tomada de posição, não menos radical, por parte dos parentes de Jesus, que querem agarrá-lo, impedi-lo de continuar a sua obra, bem como dos escribas que descem de Jerusalém (autoridades representativas do poder oficial) que procuram desqualificar e julgar as obras e ensinamentos de Jesus como falsas e heréticas. Por fim, a ruptura chega ao seu ponto mais profundo, quando o caminho da Boa Nova passa não mais exclusivamente pela casa de Israel, mas pela casa onde o fundamental é a práxis em favor da realização da vontade de Deus.

A casa é sinal de divisão na medida em que aparecem atitudes violentas e contrárias ao projeto de Deus. Por outro lado, torna-se sinal de unidade na medida em que favorece a execução deste projeto. Nesta dinâmica de unidade e divisão da casa, vão sendo delineados os seus moradores, os que estão fora e dentro da casa de Deus. Dentro da casa estão aqueles que escutam a palavra de Jesus, estão comprometidos com a causa do Reino. Fora da casa estão aqueles que se deixam envolver pelo poder de Satanás que divide e traz a violência e opressão. São dois caminhos distintos que se chocam e não estabelecem nenhum vínculo ou possibilidade de aliança. Daí o porquê do sentido dinâmico, isto é, sempre em andamento, em processo de dois caminhos: um voltado para a divisão, outro para a unidade.

A dinâmica da casa em Mc 3,20-35 ficou evidenciada através de Mc 3,25, onde do ponto de vista estrutural, a casa apresenta-se de modo central. Todo o texto converge para esta casa. Os dois aspectos colocados de forma dialética, isto é, unidade e divisão, apontam para os significados que os interlocutores de Jesus representam. Parentes e escribas procuram preservar uma tradição através da imposição de um poder sob o signo de Satanás. Eles fazem parte do grupo que *estão fora da casa.* Embora não sejam impedidos de *entrar na casa*, querem retirar Jesus da mesma, provocando a sua *divisão*. Por outro lado, os discípulos e a multidão que ouve a palavra de Jesus *estão dentro da casa* e apontam para uma nova realidade através da *unidade* em torno da realização da vontade de Deus.

## 6. Concluindo com alguns aspectos teológicos e hermenêuticos

Finalizando este artigo, enumero algumas questões importantes do ponto de vista teológico e pastoral, que podemos extrair do estudo acima apresentado:

a) Uma eclesialidade, numa perspectiva de missão e seguimento de Jesus, torna-se evidente na constituição dos Doze (Mc 3,13-19), onde para fazer parte do grupo de Jesus, não basta uma decisão por si mesmo. O chamamento por parte de Jesus é essencial. Marcos enfatiza o aspecto do chamado como condição para seguir Jesus: "*Chamou a si os que ele quis*" (Mc 3,13). O verdadeiro papel daquele que é chamado é seguir Jesus. Entretanto, o seguimento se faz mediante duas importantes ações. A primeira é o anúncio da Boa Nova, assim como fez Jesus (Mc 3,14). A segunda tarefa é a expulsão dos demônios (Mc 3,15), tema muito presente no Evangelho de Marcos, para caracterizar a força contrária ao Reino de Deus. Para o evangelista, todo o mal presente na vida humana, não provém de algum poder estranho a ser evitado ou combatido, mas do próprio coração do homem (Mc 7,17-23). Em várias passagens aparece a expressão "coração endurecido"[8] referindo-se à não aceitação da mensagem de Jesus, por parte dos fariseus, parentes e mesmo dos discípulos, não hesitando em chamar de Satanás (Mc 8,33), exatamente o coração endurecido que não compreende a revelação de Deus, o único bom (Mc 10,18). Procurando o sentido para a comunidade de Marcos, sobre a autoridade dada por Jesus aos discípulos a fim de expulsar os demônios, podemos perceber que se trata de uma missão ao nível da palavra, como a própria pregação. Autoridade que se reveste de um poder a serviço da vida é dada aos discípulos e

7. Cf. CALLE, F. DE LA. *A teologia de Marcos.* São Paulo, Paulinas, 1978, p. 66.

8. Cf. Mc 3,5; 6,52; 7,21; 8,17; 10,5; 16,14.

discípulas de Jesus (de todos os tempos) para que possam expulsar os demônios, isto é, todo e qualquer tipo de bloqueio, impedimento à realização do projeto de Deus.

Em Mc 3,20-35 encontramos os três aspectos teológicos voltados para a dimensão eclesial: chamado, pregação e ação em favor da vida. O chamado só se realiza plenamente através da adesão por parte da pessoa. A divisão da casa acontece na medida em que não há um acolhimento total pela mensagem da Boa Nova. Nisto está a diferença entre os Doze (Mc 3,13-19) e a multidão que corre atrás de Jesus (Mc 3,20), ou dos familiares (Mc 3,31) e dos que estão ao redor de Jesus (Mc 3,32). Por outro lado, a unidade da casa se manifesta na perfeita conjunção entre chamado, pregação e ação em favor da vida. Aqui, a função exorcista de Jesus e a autoridade dada aos discípulos, torna-se fundamental, pois a ação de Satanás provoca a divisão e encontra-se em conflito com a ação de Jesus.

A comunidade eclesial hoje deve sentir-se questionada à luz da unidade e divisão da casa, quando apenas realiza uma ou duas dimensões, esquecendo-se de que a integração entre as três é fundamental para tornar-se de fato uma Igreja de unidade. A realização apenas do chamado, por exemplo, através de grandes concentrações ou eventos musicais com bandas católicas, faltando as dimensões da pregação através da formação, catequese, evangelização e principalmente a dimensão de uma ação favor da vida, através da luta pela justiça e verdadeiro comprometimento com a causa da Boa Nova aos pobres, traz a marca de uma profunda divisão que somente pode ser superada através da harmonia entre as três dimensões. Os discípulos e discípulas de hoje, devem estar dentro da casa – comunidade eclesial, buscando a comunhão e unidade através do exemplo e testemunho deixado pelo próprio Jesus.

b) Uma dimensão trinitária em Mc 3,20-35, onde as ações do Pai, Filho e Espírito Santo são apresentadas através do conflito estabelecido entre Jesus e os escribas. Os argumentos de uma e outra parte são bem claros. Da parte dos escribas há a acusação contra Jesus de querer destruir a casa do judaísmo, pondo-se a serviço de Satanás. Jesus lhes responde dizendo que são eles os que estão querendo destruir a obra de Deus, de tal forma que estão destruindo a si mesmos.

Todo este grande problema teológico surge de um dado a princípio pequeno: A ajuda que Jesus oferece aos excluídos, sua forma de acolher aos possessos, pecadores, publicanos, rompendo ou superando os muros da casa e da identidade judaica. Os escribas acusam Jesus por causa do amor a esta casa, por amor ao verdadeiro Israel. Na resposta de Jesus (Mc 3,23-30), por sua vez, encontramos uma teologia trinitária, sem a preocupação de uma teoria conceitual ou argumentação ideológica, mas simplesmente expressão da identidade e profundidade da casa de Jesus, da nova família que se abre aos pobres de Israel, aos excluídos do mundo, superando as leis voltadas para a segurança sacral judaica.

Os escribas procuram colocar-se a serviço de Deus. Porém, aos olhos de Jesus, eles não representam o Deus verdadeiro aberto ao perdão, preocupado com os possessos e os pobres, mas apenas os interesses de sua própria identidade judaica. Jesus por outro lado, vem revelar o Deus verdadeiro do Reino, que atua através de sua própria



mensagem e de sua obra libertadora em favor dos expulsos de sua antiga família: os loucos e excluídos de Israel e do mundo. Este é um Deus de perdão. Por isso Jesus contesta com a formulação reveladora mais solene: amém, expressando a mais profunda verdade de Deus, em expressão afirmativa de passiva divina, que lhes serão perdoados (Deus perdoará) todos os pecados aos filhos dos homens (Mc 3,28). Este é o Deus em cujo nome Jesus realiza sua obra messiânica. É o Senhor e amigo da casa aberta e do perdão universal. Sem este descobrimento forte e ativo da graça que tudo transforma, do perdão que introduz na nova família aqueles que antes estavam expulsos (possessos, leprosos, pecadores), toda esta controvérsia entre Jesus e os escribas carece de sentido, assim como o próprio evangelho.

Porém, ali onde o amor é total, onde a graça chega a todos, os que se fecham em si mesmos e querem controlar e expulsar os demais com sua própria lei de identidade sagrada, acabam ficando de fora, uma vez que se expulsam a si mesmos na medida em que colocam-se contra a graça.

A força e graça do perdão de Deus se chama Espírito Santo. Os escribas acusam Jesus de possesso, de estar a serviço do Príncipe dos demônios (Mc 3,22). A conclusão redacional de Marcos afirma isto: "pois diziam: tem um espírito impuro" (3,30). Ao pensar e julgar desta maneira, os escribas cometem um pecado contra o Espírito Santo, ou seja, contra a santidade ativa de Deus (Mc 3,28-29). Em todo este contexto, o Espírito Santo é a força criadora de família universal. Vários são seus sinais: brota de Deus e pertence ao âmbito ou mistério radical do divino; está relacionado com Jesus, como força que ele possui ou expressa com sua vida em favor dos expulsos do sistema; é poder de santidade (pureza), de maneira que se opõe ao espírito impuro (demoníaco) que submete os homens. Finalmente é Espírito de comunhão: cria a família universal (supera as barreiras dos escribas de Jerusalém), a partir da perspectiva dos últimos (possessos) voltada para o perdão.

No centro de tudo está Jesus, o mais forte (Mc 3,27), conforme aparece também em Mc 1,7. Esta última referência situa toda a cena à luz do anúncio do Batista no batismo de Jesus e de sua vitória contra Satanás (Mc 1,1-13), pois Jesus veio vencer Satanás, e aqui está vencendo de forma concreta. A novidade mais profunda desta passagem está no fato de que esta vitória sobre os demônios não se traduz em fortalecimento de Israel, mas superação e ruína do Israel que defende os escribas. Ao atuar desta maneira, Jesus se mostra diferente, não se limita a repetir ou organizar por meio da lei o que já existe, para serviço da estrutura israelita, ao modo dos escribas.(Mc 1,22), mas sim para criar uma nova realidade: tem autoridade sobre os espíritos impuros.

Partindo deste aspecto trinitário, vamos perceber que a tensão entre unidade e divisão da casa situa-se na prática concreta de Jesus, realizando a missão do Reino do Pai com a força do Espírito Santo, frente à prática dos escribas que representam e defendem as autoridades oficiais de Jerusalém. Aqui, o conflito não é apenas religioso, mas político e ideológico, conforme vimos anteriormente. A prática de Jesus rompe com a doutrina e prática secular dos escribas e demais partidos e grupos políticos e religiosos de Jerusalém. A divisão da casa, portanto, revela-se neste conflito. Por outro lado, a

unidade somente será possível na medida em que a casa viver e testemunhar a comunhão trinitária.

Esta experiência trinitária da unidade da casa hoje, não se manifesta somente ao nível eclesial, isto é, como reunião de pessoas que comungam a mesma fé e que se unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida. Qualquer organização, entidade ou instituição que coloque valores e finalidades comunitárias, também pode ser analisada nesta mesma perspectiva. Dentro do desenvolvimento comunitário no Brasil, como exemplo, voltado para um trabalho específico em determinada área social, visando a um bem para a população, encontram-se inúmeros projetos e ações comunitárias desenvolvidas em várias cidades, sejam rurais ou urbanas, visando sanar um problema imediato de determinado núcleo populacional, como a necessidade de uma creche, horta comunitária, cooperativa de agricultores, etc.

Quando o trabalho desenvolvido na comunidade ultrapassa os limites do problema imediato, chegando a uma conscientização, articulação e mobilização da população, estamos falando em Movimento Social. Aqui, o interesse não é mais o projeto ou ação comunitária em si, mas as implicações políticas em que o problema local está envolvido. A questão já não é conjuntural, mas estrutural. Toda esta mobilização e forma de organização se dá através de um trabalho de grupalização, onde reside fundamentalmente a sua força e característica básica.

Em outras palavras, nos Movimentos Sociais e grupos comunitários, a formação de um grupo e a sua continuidade é essencial para que possa desenvolver seu trabalho junto à população. Aqui também a metáfora da casa pode ser aplicada como forma de unidade ou divisão, na medida que interesses diferentes entram em conflito. Assim, o exemplo trinitário de comunhão e fortalecimento mútuo, é importante também para a sustentação dos movimentos sociais.

c) Um terceiro e último aspecto teológico a ser considerado está relacionado à autoridade de Jesus. Trata-se de um tema teológico recorrente no Evangelho de Marcos e em especial no capítulo três. A autoridade de Jesus se faz presente na unidade da casa, quando constitui os Doze ou encontra-se cercado por seus ouvintes. Da mesma forma, é pela autoridade de Jesus que a divisão da casa se estabelece quando responde com autoridade aos escribas ou mesmo é incompreendido por seus parentes.

Em Mc 3,20-35, a autoridade de Jesus coloca-se em evidência na ruptura frente aos parentes, escribas e ao mesmo tempo, na adesão dos discípulos, multidão e daqueles que ouvem a sua palavra. Trata-se de uma autoridade exercida em favor da vida, dentro de um contexto onde as tradições e o peso das leis judaicas trazem a morte. As posições de cada lado destas autoridades são marcadas de forma bem clara: a autoridade dos escribas vem de Jerusalém, enquanto que a autoridade de Jesus vem de Deus. A primeira é exercida segundo o poder de Satanás, enquanto que a segunda através do poder do Espírito Santo. A autoridade de Jesus coloca-se dentro da casa, contribuindo para a sua unidade, enquanto que a autoridade dos escribas, fora da casa, contribui para a sua própria divisão.



Hoje, o contexto de morte decorrente de um projeto econômico e político em âmbito mundial é evidente. Trata-se de um poder exercido em nome de uma minoria, contra milhares de vítimas de uma exclusão desenfreada. As conseqüências sociais deste modelo econômico são previsíveis pelos seus idealizadores: uma população permanentemente desempregada, formada seja por jovens que não conseguem chegar ao mercado de trabalho, seja por adultos que perdem seu emprego e não conseguem mais lugar neste mercado. O desemprego torna-se endêmico no mundo inteiro. Nos países desenvolvidos, existem certas garantias e condições de vida que permitem algum tipo de sobrevivência. Já nos países do Terceiro Mundo, desemprego é sinônimo de abandono. O limite entre esta crise no emprego e a criminalidade é muito tênue, podendo ser percebida claramente a relação entre um e outro, através de dados em todos os países, inclusive do Primeiro Mundo.

Portanto, o texto de Mc 3,20-35 apresentando a dinâmica da casa através da tensão entre unidade e divisão, coloca tanto a comunidade de Marcos, quanto a todos os cristãos de todos os tempos, frente à radical opção de estar dentro ou fora da família de Jesus, ou da realização da vontade de Deus.

*Carlos Frederico Schlaepfer*
Rua Cruz das Almas, 88/705
Duque de Caxias – RJ
25085-450
e-mail: cfs04@ig.com.br